

AVENÇA

# Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)  
ARMANDO ROCHA CRUZ

ADMINISTRADOR E DIRECTOR ADJUNTO — JOSÉ MACHEIRA  
DELEGAÇÃO EM OLHÃO — RUA DE S. PEDRO, 17

REDAÇÃO e ADMINISTRAÇÃO — RUA MINISTRO  
DUARTE PACHECO, 11 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPOSIÇÃO e IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
TEL. 59 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## Sublime Mensagem

NOITE DE NATAL! NOITE DE CRISTO! NATAL DE CONCÓRDIA! NATAL DA PAZ!

Por JUCIANO SIMÃO MORAIS

NA pequena aldeia de Nazareth, na província romana da Judeia, nasceu Deus Menino e os sinos repicam na terra, as estrelas sorriem no céu e os anjos, em revoadas, entoam:

*«Glória a Deus nas Alturas  
E paz na Terra aos homens  
de boa vontade.»*

E tal como na noite sagrada, ainda hoje, e já lá vão quase que passados vinte séculos, o sortilégio do Natal abre como que um parêntesis de júbilo e de fraternidade no quotidiano desesperado e sem esperanças do Homem.

É o momento de se esquecerem as quizílias fratricidas, os desencontros familiares e os litígios entre os povos, resgatando pecados e perdando insultos graças ao Amor e à Fé que emanam subtilmente das humildes palhinhas onde Cristo nasceu.

É necessário que haja amor nos corações e confiança nas almas! E, para isso, não nos neguemos a ofertar, no dia de hoje, uma esperança que seja, a esses nossos irmãos que, na sua infelicidade, ainda não elevaram o olhar ao

céu a implorar o perdão dos seus erros e a graça de retornarem ao caminho luminoso da verdade, a esses nossos irmãos, que no seu desespero, amaldiçoam a natureza e incriminam o destino, a esses nossos irmãos que, na avareza dos seus sentimentos, desprezam a grande realidade da vida, que é o amor a Deus e amor ao próximo.

Mas, sobretudo, não nos neguemos a ofertar às crianças infelizes, e que tantas são, a singela mas terna dádiva duma felicidade, mesmo efémera. Que riqueza maior poderemos aspirar, senão risos de crianças misturados com lágrimas de ternura e agradecimento, senão a sua felicidade brotando espontânea e abundante, como flores em plena Primavera?! Para essas crianças, ingénuas e ainda desconhecedoras do Mundo, que melhor ventura lhe poderemos oferecer do que protecção amiga e desinteressada, a protecção quente e balsâmica que todos os desprotegidos anseiam?!  
Impõe-se que olhemos em torno de nós para que na lancinante realidade da conduta mundial, nos apercebamos que urge preencher a vacuidade dos nossos actos e das nossas obras, dominando o orgulho e o egoísmo, e esboçando, levemente que seja, a concórdia universal e a compreensão mútua das raças.

Impõe-se, afinal, que nos aprofundemos na verdadeira e sã essência da mensagem doutrinária de Jesus, para que saibamos compreender a promessa do Na-

tal e possamos sentir os sinos repicando na terra, as estrelas sorrindo no céu e os anjos, em revoadas, entoando:

*«Glória a Deus nas Alturas  
E paz na Terra aos homens  
de boa vontade.»*

E é confiados na boa vontade universal, na compreensão do respeito humano e na esperança de um mundo melhor, que apre-

sentamos a todos os nossos leitores e amigos, essa grande família que semanalmente conosco convive, os nossos mais sinceros e cordiais votos de Boas-Festas e Natal Feliz, ao mesmo tempo que damos eco do que o mensageiro do céu noticiou aos pastores de Belém:

*«Venho anunciar-vos uma grande alegria: nasceu hoje na cidade de David, um Salvador, que é Cristo Senhor.»*

os melhoramentos que existiam na Feitoria Portuguesa, se devem ao representante de Portugal, L. L. Flores, que tendo tomado conta do Consulado Geral em 1901, ainda em 1915 ali se mantinha incansável, procurando sempre to-

das as vantagens dos inquilinos, todos os melhoramentos, superintendendo pessoalmente em todas as obras, reformando, limpando e valorizando enormemente aqueles terrenos, e fazendo que Portugal tivesse uma propriedade valiosa e o seu representante va-

(Continua na 6.ª página)

## A LIÇÃO MAIOR NATAL

QUANDO naquela noite mornhenta e fria a estrela nos céus anunciou aos homens o nascimento de Jesus, e os conduziu — aos pastores e aos reis — ao humilde estábulo onde entré rústicos animais se encarnara em homem, a lição estava dada: os homens são irmãos, filhos de um mesmo pai, como os ramos o são filhos de uma mesma raiz.

E ali os juntou, prostrados, simbolizando neles a humildade e a soberbia, os dois extremos da condição humana.

Há dois mil anos que os homens lutam por compreender a lição e se uns sinceramente tentam dominá-la, outros se esforçam por obscurecê-la, por todos os artificios. E assim nunca o sol se vê dominado por aqueles que as nuvens logo o vêm embaciando.

Ao menino que tinha nos lá-

bios a palavra da Verdade, que confundia os falsos sábios, abatia os orgulhosos e exaltava os humildes, que acariciava as criancinhas porque encerravam a pureza, que correu com os vendilhões do templo, foram-no perseguindo e construindo a cruz, símbolo então da ignomínia, onde o viriam a pregar pondo-lhe na frente os espinhos da dor e nos lábios o fel da amargura.

A lição não foi compreendida, a lição não será compreendida, porque o homem nunca lavará o coração das impurezas da maldade. Mas se nós não somos perfeitos, nunca seremos perfeitos, esforcemo-nos ao menos para que nesta hora comemorativa da maior lição, sintamos humanizar o coração e possamos estender os braços sem traição e os lábios murmurar sem mentira: — Abracemo-nos, porque somos irmãos!

## O problema DAS OBRAS DE DRAGAGEM da Barra e Ria da Fuseta

A FAINA piscatória da Fuseta é cada vez mais difícil devido ao assoreamento do cais e da ria, obstruída pela lama e areias, e reduzida, por isso, a uns escassos seis metros para a navegação.

Há muito que se impõe o desassoreamento do porto de pesca da Fuseta — e o Ministério da Marinha já promoveu as diligências necessárias, junto da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos para que seja feita aquela obra, que se arrasta há longos anos em expectativa, afectando seriamente a vida dos pescadores.

Quando começarão as obras de dragagem da barra e da ria da Fuseta?

A situação mantém-se desesperante, sendo, até, perigosa a navegação no estreito canal. Qualquer pequena distracção, uma manobra mal executada, é quanto basta para a embarcação ficar varada na lama da margem.

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

## NOVO CAPITÃO DO PORTO de Vila Real de Santo António

Tomou posse, no passado dia 22, do cargo de Capitão do Porto (interino) de Vila Real de Santo António, o capitão de fragata sr. Eduardo Augusto da Costa Cabral Metzner, que exerce também os cargos de Capitão do Porto de Faro e interino de Tavira, os quais lhe foram entregues pelo capitão de Mar e Guerra da R. A. sr. Américo das Neves Pacheco.

## «NOTÍCIAS DO ALGARVE»

Por motivos de reorganização dos nossos serviços Administrativos vamos suspender por duas semanas a publicação do nosso Jornal, pelo que pedimos desculpa aos nossos estimados assinantes e colaboradores, prometendo desde já uma substancial melhoria na colaboração e expansão do «Notícias do Algarve» ao recomenciar a publicação.

## Contos Gota a Gota

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Quando

*Chegou o Natal. Lá fora no coração da invernã abriu-se a raiz da aurora de par em par — e era dia.*

*Abriu-se um botão de rosa de par em par — e era dia. Quando os homens dão as mãos é Natal, morre a invernã.*

Hoje

*À mesa da consoada dentro do barco a fluir tanta gente sentada conosco, a falar e a rir! O riso não estilhaça a paisagem é muda e irreal combinação espectral de chuva na vidraça. Tanta árvore caída com a ratz de fora!*

(Conclui na 6.ª página)

Amigo e Leitor: Hoje é dia festivo. É dia de Natal. Dia consagrado à Família. Certo, dia dedicado à Família. E é por isso que a simpática Michéle Morgan se apresenta aqui, em ambiente festivo, como que indicando o ideal de paz que neste dia deve nortear toda a gente: — paz no espírito, alegria no coração.



## A PESCA DO ATUM EM DACAR NO ANO DE 1960

UMA delegação senegalesa que participou numa reunião, em Paris, do Comité Interprofissional da Pesca do Atum, submeteu um programa, que foi aprovado, para a safra de 1960, que compreende uma pesca de 16.000 t. de atum (em 1959 foi de cerca de 7000 t.). Desta quantidade, 7500 t. seriam fabricadas em conservas nas 5 fábricas locais (contra 4500 t. em 1959), 2500 seriam congeladas em Dacar e embarcadas para as fábricas de conservas em França e 6000 t. deveriam ser congeladas em Dacar para serem exportadas para os mercados estrangeiros. Segundo uma informação oficial, uma fábrica de conservas de atum nos Estados Unidos teria feito propostas muito interessantes para a exportação para o mercado norte-americano de cerca de 10.000 t. de atum,

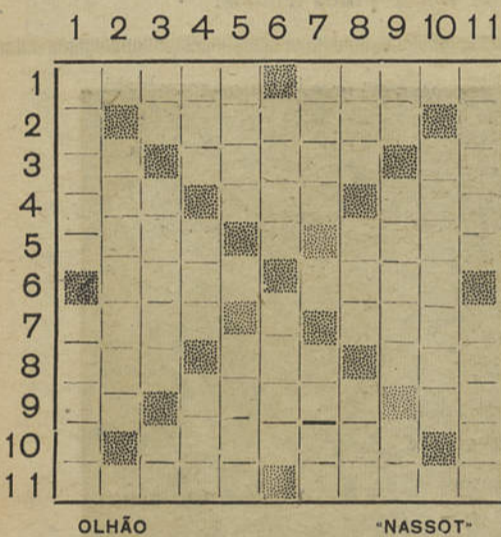
anualmente. A Itália teria também feito um contrato para a compra de 5000 t. de atum.

Está também em estudo a possibilidade da expansão substancial das facilidades para a fabricação de conservas de atum em Dacar, projectando-se a instalação de uma fábrica com a capacidade de 1000 t. cada mês que, a concretizar-se, seria a maior, na sua especialidade, não só na África Ocidental Francesa, como também nos países do Mercado Comum de que a França é membro.

NOTÍCIAS DO ALGARVE  
VENDE-SE EM LISBOA  
na Tabacaria Antunes & C.  
Av. Almirante Reis, 22-C  
(aos Anjos)

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 14



HORIZONTAIS: 1 — Planta ornamental, planta malvacea. 2 — Gato. 3 — Algarismo, sala grande para recepções, bailes, etc., nota musical. 4 — Casa, íntimo, oxido de cálcio. 5 — Uma das cinco partes do mundo, acto de citar o touro. 6 — Cúteis, rezar. 7 — Amplo, certas. 8 — Altar, ofertar, vazia. 9 — Simb. quim. do sódio, Imperador romano, simb. quim. do ouro. 10 — Espécie de pudim. 11 — Corpo mineral, raro de que se conhece um oxido, suave.

VERTICAIS: 1 — Gaba, bolota. 2 — Pessoa mascarada. 3 — Artigo antigo, cobra venenosa de Angola, simb. quim. de antimónio. 4 — Nota musical (pl), ligo, desaba. 5 — Lavrai, tenho a dívida de. 6 — Pessoa, descrédito. 7 — Jarro (planta), excêntrica. 8 — Feixe, em bruto, víscera dupla. 9 — Simb. quim. do cobalto, animal parasita da cabeça da baleia, prenome pessoal. 10 — Chacota (fig). 11 — Adelgace, parte do casco das bestas entre a tapa e a palma.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13

HORIZONTAIS: 1 — Metamorfose. 2 — Rio; Ali; 3 — Cró; Moa; Ana. 4 — Ré; Falda; Ar. 5 — Cal; Iró. 6 — Prol; Abas. 7 — Rás; Ara. 8 — Tô; Saira; Ró. 9 — Ada; Oro; Pés. 10 — Ena; Som. 11 — Promissório.

VERTICAIS: 1 — Crepita. 2 — Erre; Oder. 3 — Tio; Cor; Ana. 4 — Ao; Falas; Am. 5 — Mal; São. 6 — Odol; Iras. 7 — Adi; Aro. 8 — Fá; Arara; só. 9 — Ola; Oba; Por. 10 — Sina; Remi. 11 — Arriscos.

## ALGARVAUTO, LDA.

Largo do Mercado, 32 / FARO / Telefone 774

AUTOMÓVEIS E CAMIONS  
«AUSTIN» e «BORGWARD»

AUTOMÓVEIS «SKODA»

SCOOTERS «LAMBRETTA»

MOTOS «B. S. A.» «A. J. S.» «ARIEL» e «MATCHLESS»

Filial em Portimão: Rua da Guarda, 16 / Tel. 477

## CÂMARA MUNICIPAL DE OLHÃO

### ANÚNCIO N.º 48

Faz-se público que no dia 4 de Janeiro de 1961, pelas 15 horas, no edifício dos Paços do Concelho, na sala das reuniões desta Câmara Municipal, proceder-se-á ao concurso público para adjudicação da empreitada da obra de «SANEAMENTO DA FUSETA — EMIS-SÁRIO».

A base de licitação, aumentada de 10%, em face do primeiro concurso ter ficado deserto, é de 389.976\$40.

O depósito provisório, a efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, mediante guia passada pelo próprio, é de 9 750\$00, sendo o depósito definitivo da importância de 5%, da adjudicação.

O programa de concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Secretaria desta Câmara Municipal e na Direcção de Urbanização de Faro.

Paços do Concelho de Olhão, 15 de Dezembro de 1960.

O Vice-Presidente da Câmara, em exercício,  
Dr. Vítor Pinto Quintas

## CASA RUBY

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Deseja a todos os seus estimados Clientes e Amigos um Natal Feliz e um Ano Novo muito próspero.

## Transportes de Carga Louletana, L. da

Deseja BOAS FESTAS a seus Ex.ºs Clientes e Amigos

Largo Tenente Cabeçadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

AGÊNCIA EM LISBOA

Rua de S. Mamede, 24-D (ao Caldas)

TELEFONE 865637

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 34

TELEFONE 476

## Natal dos Pequenininos

PARA A GRACINHA LER AOS MA-NOS E PRIMOS

A CASA do Tô era afastada da vila entre uns pinheiros ramosos onde ele vivia com a avó já muito velhinha.

Dos pais não conservava memória; morreram-lhe quando ele ainda se aconchegava nas palhas de um caixote que lhe servia de berço. E ali ficara com a avó naquele casebre acachapado, sem luz, onde a chuva entrava e o vento zunia aos uivos. A um canto a lareira, sem chaminé, onde crepitava um lume de pinhas e caruma que tudo enchia de fumo. A outro uma velha enxerga coberta de trapos, onde se enrodilhava com a avó nas noites gélidas de Inverno.

Valera-lhe na criação uma cabra, sua única riqueza, que dava o leite que o sustentara. Por isso, o animal era tão querido e amado. Mal se levantava, o Tô, depois de beijar a avó, procurava a cabra que pernoitava no mesmo casinhoto e cobria-a de carícias. Quando o sol despontava e punha ouro em todas as agulhas dos pinheiros, ele levava-a para fora, para que tomasse à vontade as ervas tenras que ali cresciam com abundância.

Tinha cinco anos o menino, cinco anos graves, iluminados por um sorriso bondoso. Já provia ao seu sustento. Enquanto a cabrinha debicava as ervas procurava ele pinhas que depois ia vender à vila. Lá fazia mandados e dava recados e em paga dos seus serviços e porque era bondoso e a todos agradava, gratificavam-no com generosidade, e voltava a casa, contente com o que arrecadara.

Andava descalço, fatinho remendado e sempre o mesmo sorriso bondoso a iluminá-lo. Não invejava a sorte dos outros meninos que encontrava e conhecia nas suas caminhadas pela vila.

— Não invejes, repetia-lhe muitas vezes a avó. — A inveja é como as lagartas que encontras nos pinhais; bicho nojento que, quando não estraga, suja. — E ele sentia, mais do que compreendia, estas palavras.

Só de uma coisa se lamentava o menino: não ir à escola. — Lá irás, volvia-lhe a avó, quando tiveres idade própria.

Agora, por Dezembro, andando o menino pelas ruas da vila na sua faina habitual, reparou nas montras de todas as lojas, cheias de brinquedos, pinheiros com estrelas prateadas, muitas coisas que eram de encantar. E foi-se a um menino seu conhecido e perguntou-lhe porque era aquilo.

— Então, não sabes? É o Natal que se aproxima e o Menino Jesus descerá por todas as chaminés e porá nos sapatinhos dos meninos os brinquedos que estás a ver.

O Tô não compreendia, nunca ninguém lhe falara naquilo. Quando chegou a casa perguntou: — Avó, disseram-me que Jesus punha brinquedos nos sapatinhos dos meninos. Mas nos meus nunca pôs... É verdade que eu não os tenho... — E a velhinha foi-lhe dizendo: — É que a nossa casa não tem chaminé... Enevoaram-se-lhe os olhos pela piedosa mentira.

Passou a noite de Natal, para o Tô igual a todas as outras noites, talvez mais fria e mais escura e ao outro dia, manhã muito cedo, como de costume, foi levar a cabra para o pasto e apanhar as pinhas da sua venda. Mal tinha

andado uns poucos passos quando ouviu perto um pipilar tão dorido que parecia feito de lágrimas e soluços. Olhou e viu um passarinho de asas enregeladas pelo frio. Apanhou-o, meteu-o entre as suas roupas velhinhas e quando o sentiu já quente, a querer voar, pegou-lhe com cuidado, pô-lo na palma da mão e disse-lhe: — Tu que voas tão alto diz ao Menino Jesus onde eu moro!

A avezinha desferiu um voo muito alto, muito longe. Parecia uma seta a caminho do sol e gorguejava com toda a sua alegria.

E pareceu ao Tô que por entre as ramas dos pinheiros o Menino Jesus lhe sorria...

Avondade

O «Notícias do Algarve» vende-se na Livraria CAPELA, em Olhão.

## BASQUETE BOLA

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

mo assim, destreinado como está, é dos melhores jogadores do Algarve, em nossa modestíssima opinião...

Na defesa, ambas as equipas adoptaram o sistema de defesa à zona. No ataque, a organização do Ginásio mostrou-se mais esclarecida, embora o Portimonense tentasse algumas combinações, a que uma imperfeita técnica individual não dava a devida clareza.

Salientaram-se na equipa vencedora Amaro e Pinto. Este jogador conseguiu marcar 49 pontos, proeza que nos apraz registrar. Que os mais jovens sigam o exemplo do velho (?) Pinto — glória do Ginásio! Que sirva de exemplo aos mais moços a maneira tão brilhante e dignificante como «Borges» tem sabido honrar as cores do «Ginásio». Se este jogador estivesse mais calmo e com um bocadinho de mais sorte, teria batido o recorde do Algarve que, salvo erro, está em 56 pontos e é detentor de tão cobiçado galardão outro emérito marcador — Luís do Ó. (É de notar, que Luís do Ó bateu o recorde do Algarve quando era atleta do Ginásio. Temos a impressão que o aludido às da bola ao cesto, ainda está à espera dum tal cesto de prata que um certo Jornal prometeu oferecer ao recordista...)

Amaro, jogou muito bem e está cada vez melhor. Não sabemos onde este rapaz, tão franzino na aparência, vai buscar tanto fôlego.

No Portimonense, como atrás frisámos, Feu é a figura principal do «cinco». À volta dele gravita toda a equipa. Bom jogador, não há dúvida!

Dirigiu o encontro o sr. Abílio

## TORNEIO DE APURAMENTO

PARA O CAMPEONATO NACIONAL da III DIVISÃO

Resultados dos jogos efectuados no passado domingo:

D. S. Brás, 0 - Sambrasense, 2  
Louletano, 0 - Silves, 0

## FOTOGRAFIA CAMPINA

Deseja Boas Festas e um Ano Novo muito próspero

Rua Dr. Miguel Bombarda, 1 // Olhão // Telefone 255

"O meu bolo de Natal..."  
Escreve-nos a Ex.ª Sr.ª D. Ernestina da Graça Rolão R. Infante D. Luiz, 6 r/c. D.º — ALMADA  
«...é a minha «coroa de glória». Fica tão macio, todo a desfazer-se na boca, e muito levezinho e gostoso porque, é claro, o faço sempre com Vaqueiro bem batida com o açúcar até ficar em creme. Este bolo é uma delícia. E não é de admirar — os bolos feitos com Vaqueiro são esplêndidos e tão macios!»  
A margarina Vaqueiro é composta de óleos vegetais puríssimos a que deve o seu delicioso paladar.  
\* Esta carta pode ser consultada no Instituto Culinário da Margarina Vaqueiro — Rua da Sociedade Farmacéutica, 3. 3.º — Lisboa

Feliz Natal

A MARGARINA  
**Vaqueiro**  
torna tudo mais apetitoso

NOVA! ainda mais saborosa!

# A Lição do Natal

**O** NATAL é pela sua natureza uma completa lição de amor.

Amor aos nossos familiares, ao próximo, amor por toda a humanidade. Não é impunemente que se revive, nesta quadra, o nascimento, de Jesus Cristo, a maior personificação do amor.

Nesta altura, todos nós sentimos uma atmosfera diferente. Parece que o mundo é melhor. Há em nossos corações mais bondade, mais caridade, um desejo enorme de dar, de obsequiar, de que todos tenham fartura, calor, alegria. Há, sobretudo, um anseio imenso de paz.

Quem mais beneficia com o Natal, são as crianças. Parece que é a sua quadra. E no entanto, um triste contraste se verifica.

Principalmente para elas, se armam as árvores de Natal, coloridas, luminosas e sedutoras; os presépios mimosos, repletos de poesia e ternura.

São para as crianças que se fabricam milhões de brinquedos, numa demonstração eloquente da fantasia dos seus criadores. Mas esses brinquedos que não de entusiasmar as crianças, que não de povoar os seus sonhos, têm entre si criações que consideramos condenáveis sob todos os aspectos.

Queremos referir-nos a todos os que tenham carácter bélico: aviões de combate, tanques de guerra, cruzadores, couraçados, soldados, pistolas, espingardas, etc.

Este género de brinquedos só pode ser prejudicial. Há uma necessidade urgente de educar as crianças com exemplos de amor e não com ideias de guerra. Elas serão os homens e as mulheres de amanhã e o mundo será o que forem essas pessoas.

Se desde crianças forem familiarizadas com brinquedos que levem a sua fantasia à reconstituição de combates e respectivas vitórias, muitas irão desenvolvendo a sua fantasia ao ponto de desejarem a guerra, para poderem dominar, para serem heróis. Julgamos não haver dúvida de que tais brinquedos são altamente prejudiciais e daqui apelamos para os desenhadores e fabricantes de modo que dirijam o seu espírito criador para outros géneros de brinquedos.

O nosso apelo é extensivo aos

comerciantes para que não os adquiram para revenda e principalmente aos pais para que não os dêem aos seus filhos.

Não manchemos a poesia de um sapatinho na chaminé ou uma árvore de Natal com a presença, embora em miniatura, de uma arma ou qualquer outro engenho de guerra, que representam para tantas crianças, a orfandade, a mutilação, a fome, a destruição e o desamparo.

Ao contrário, é necessário aproveitar o Natal para mais manifestações de bondade, mais amparo aos que têm fome e frio, mais exemplos de solidariedade, pois não há dúvida de que a melhor educação é o exemplo.

E se assim se fizer, se as crianças que não de ser os elementos do mundo de amanhã, os operários e os patrões, os chefes e os funcionários, os técnicos e os práticos, os industriais e os comerciantes, os secretários e os ministros, poderão comportar-se todos, à parte a importância dos seus cargos, de homens para homens, como irmãos, como cooperadores, como filhos de Deus, na construção de um mundo onde haja mais equidade, mais harmonia, onde cada um se lembre a todos os momentos que não deve fazer aos outros, aquilo que não gostaria que lhe fizessem.

Aproveitemos todos a lição do Natal e o seu profundo significado nos dará mais felicidade.

JARBELO

## Comparticipações PARA O ALGARVE

**Faro** — Conservação do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, — reforço 10.228\$00.

**Loulé** — Remodelação e ampliação do Hospital, 21.000\$00.

**Faro** — Reparação de arruamentos — 2.ª fase, 200.000\$00.

**Construção do Albergue Distrital** — reforço 18.791\$00.

**Albufeira** — Construção de esgotos, 15.000\$00.

Propagai «Notícias do Algarve»

## NOTICIÁRIO ECONÓMICO

### EM 99.200 CONTOS IMPORTOU O CAFÉ ADQUIRIDO POR PORTUGAL ÀS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS NOS PRIMEIROS SETE MESES DESTE ANO

Em 99.200 contos importou o café adquirido por Portugal nos primeiros sete meses de 1960 às suas províncias ultramarinas.

O total de café comprado atingiu as 6.986 toneladas, das quais 6.816, no valor de 93.788 contos, adquiridas em Angola.

Como fornecedores à Metrópole situam-se, em seguida, e por ordem decrescente, as províncias de Timor, de S. Tomé e Príncipe e de Cabo Verde.

### 161.104 CONTOS DE AMENDOIM COMPRADOS POR PORTUGAL METROPOLITANO — O GROSSO DAS COMPRAS FEITO AO ULTRAMAR PORTUGUÊS

Nos primeiros oito meses de 1960, Portugal metropolitano importou 35.214 toneladas de amendoim, no valor de 161.104 contos.

O grosso das encomendas foi feito às províncias ultramarinas e a Guiné Portuguesa situou-se à cabeça dos fornecedores com 23.341 toneladas e 89.851 contos.

Seguem-se a Angola com 977 toneladas e 4.813 contos, e Moçambique com 300 e 1.477.

O principal fornecedor estrangeiro foi a África Ocidental britânica, com 9.929 toneladas e 59.622 contos.

### 110.511 CONTOS GASTOS POR PORTUGAL METROPOLITANO EM 3.732 TONELADAS DE TABACO NÃO MANIPULADO

110.511 contos gastou, de Janeiro a Agosto deste ano, Portugal Metropolitano em tabaco não manipulado, de que adquiriu 3.732 toneladas.

O principal fornecedor foram os Estados Unidos, com 2.042 toneladas e 76.844 contos, seguindo-se a Grécia com 510 e 7.675, e a Itália com 245 e 7.050.

Em quarto e quinto lugares surgem Moçambique, com 229 toneladas e 4.757 contos, e Angola, com 179 e 1.893.

### EM 1959, FORAM EXTRAÍDOS DAS MINAS DE PORTUGAL METROPOLITANO MAIS DE 2 MILHÕES DE TONELADAS DE MINÉRIO

Em 1959, foram extraídos das minas de Portugal metropolitano mais de 2 milhões de toneladas de minérios, assim discriminados: 1.031 toneladas de arsénio, no valor de 235 contos; 37 de berilo, no valor de 259 contos; 686.000 de carvão, no valor de 91.109 contos; 44.329 de caulino, no valor de 6.925 contos; 54 de chumbo, no valor de 249 contos; 631.546 de pirites de ferro cupríferas, no valor de 101.831 contos; 1.639 de estanho, no valor de 63.104 contos; 873.000 de ferro, (hematite, magnetite e pirites) no valor de 118.561 contos; 6.988 de manganês, no valor de 5.241 contos; e 2.075 de volfrâmio, no valor de 51.252 contos.

### DE JANEIRO A AGOSTO DESTE ANO, A METRÓPOLE COMPROU 3.483 TONELADAS DE CARNES

De Janeiro a Agosto deste ano, a Metrópole importou 3.483 toneladas de carnes de gado bovino, frescas, refrigeradas ou congeladas, no montante de 48.772 contos.

Os principais mercados fornecedores, por ordem decrescente de valor de encomendas, foram a Argentina, a Roménia e Angola.

# Natal do Emigrado

Que saudade daquele humilde lar  
Onde fumega a chaminé branquinha  
Da nossa meninez. Velha casinha  
Que ouviu o nosso ingénuo balbuciar.

Como é grato este dia recordar,  
A terna rabugice da avózinha  
A fingir-se zangada, essa velhinha,  
mas sem coragem para nos ralhar.

E a nossa pobre mãe com que saudade,  
Com que tristeza enorme ela não há de  
Seguir com a alma inquieta os nossos trilhos...

Mas ainda há maior dor — missão sagrada!  
É a fiel esposa, amargurada,  
Chorando e abraçada aos nossos filhos.

M. F. Almeida

## AS CAVES DO GUADIANA

DE VICENTE RODRIGUES

TELEFONE 74



CAFÉ RESTAURANTE

O MELHOR do GÉNERO no ALGARVE

VINHOS DE MESA VERDES E MADUROS DAS MELHORES QUALIDADES

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Deseja aos seus estimados Clientes e Amigos um Natal Feliz e um Próspero Ano Novo

## Temas de Pesca (8)

# REDES DE FIBRA SINTÉTICA

**D**ADO o espectacular aumento das capturas que se vem conseguindo com o emprego de artes feitas com fibras sintéticas, a sua popularidade vem aumentando em prejuízo das feitas com as tradicionais fibras naturais. As ditas fibras, particularmente o «nylon» e o «terilene», empregam-se principalmente nas redes de emalhar e também dão esplêndidos resultados na fabricação de cabos, palangres, acessórios para redes, etc.. A popularidade do «nylon» para redes de emalhar deve-se ao facto de, em igualdade de condições, capturar muito mais peixe do que as suas similares de fibras naturais, tais como as de algodão, mais visíveis na água e menos translúcidas. Graças à sua resistência, podem-se usar fios mais finos, menos visíveis e causando, ao moverem-se as artes, menos perturbação na água. A fibra de «nylon» é muito menos áspera e, portanto, menos sujeita a aderir partículas estranhas. Também esta fibra se tingem facilmente, de forma a harmonizar-se com a cor da água. As capturas japonesas feitas com redes rosadas, em mares de fundo de coral, aumentaram de forma muito sensível. Os fios de «nylon» oferecem grande resistência à tracção e aos golpes, são muito elásticos e o tamanho das malhas mantém-se constante durante a vida da arte.

O fio de «nylon» é mais caro do que as fibras naturais, mas a diferença de pre-

ços é menor do que muitos pensam. As artes de «nylon» são económicas porque, dada a sua grande resistência, se podem empregar fios mais finos e por num dado peso entrarem mais metros de «nylon» do que qualquer fibra natural. As artes são, por isso, menos volumosas e necessitam de acessórios de menos peso. O «nylon» não apodrece nem precisa de conservação e as artes, tanto antes como depois de molhadas, pesam menos, uma vez que absorvem muito pouca água. Podem também as artes de «nylon» guardar-se sem serem previamente enxutas. A sua flexibilidade conserva-se nas mais diversas condições, mesmo quando a temperatura seja inferior a 32 graus centígrafos abaixo de zero.

(Resumido de: «Información del Instituto Nacional de la Pesca», n.º 25)

## VISADO PELA Comissão de Censura

## Fernando José Serra Vargas

MERCEARIAS, CAFÉS, TABACOS, VIDROS, LOUÇAS, PLÁSTICOS, ETC.

Rua de Aveiro ♦ Vila Real de Santo António

Deseja a todos os seus estimados Clientes e Amigos Festas Felizes e prosperidades no Ano Novo.

## Estabelecimentos IMPÉRIO

PARA BEM SERVIR

Fazendas, calçado e mercearia Telef. 165

Mercearias, tabacos, combustíveis, Lubrificantes, cervejas e águas minerais } Telef. 45

Pastelaria IMPÉRIO Telef. 186

Instalações de Gasóleo (Gais) Telef. 120

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Desejam a todos os seus estimados Clientes e Amigos Festas Felizes e prosperidades no Ano Novo.

# PRIMAVERA NO OUTONO

(CONCLUSÃO DA 6.ª PAGINA)

do casal levou à sua custa a água que canalizou de 600 metros atrás. Dá água a quem a quer e fornece-a ao lavador que na sua simplicidade se mostra em pleno ar livre ao usufruto dos seus utentes. Sem exigências de urbanização se levantaram moradias, umas fiéis à tradicional açoteira, outras ao velho telhado.

Subimos ainda o terreno baldio que domina belo panorama, ao sul lá longe o azul do céu a ligar o azul do mar e em redor pinheiros e amendoeiras. O nordeste projecta a silhueta do Cerro de S. Miguel, com seu porte de soberbo em meditação.

Próximo do lugar levantou-se grande construção em amplo recinto, promotor de actividade industrial que certamente ali se iniciará.

Prosseguimos no nosso passeio, com o sol aquecendo a face, a vista rasgando a paisagem. Não é o cenário a deslumbrar, mas a afável companhia da natureza que nos parece afagar, que convida à digressão. Mas o tempo vai correndo, e nós galgando o atalho, embrenhamo-nos pela azinhaga que leva a denso pinhal. E respirando a largos haustos, vamos armazenando sanidade e dilatando o apetite. Pouca actividade agrícola, traz o campo em solidade. Mas alegra-se a vegetação com o seu verde avançando para o sol que o fecunda.

Chegamos ao fim do pinhal e pisamos a dura passadeira de estrada por onde deslizamos de regresso a casa, ao almoço que nos espera.

Cortejámos em fortuito encontro, a refractária Primavera, repudiando o Outono que se ausentara. Virtudes do nosso Algarve! Encantos das amendoeiras!

Manuel Domingos Terramoto

# NATAL

Dia que foi uma alvorada e continua a ser uma esperança.

Quando deixar de o ser, o que sucederá aos homens? Abrem-se as jaulas e soltam-se as feras.

«Amai-vos uns aos outros como irmãos».

A legenda permanece mas na vida continua a ouvir-se o ranger dos dentes.

Homens — quando seremos nós homens?

Parece que as feras se vão humanizando e nós tornando-nos mais ferinos.

Olhemos para o alto, arrependamo-nos, e estendamos lealmente as mãos — como irmãos.

## TINTAS EXCELSIOR



NA CONSTRUÇÃO NAVAL PORTUGUESA

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

## TIPOGRAFIA

# SOCORRO

Envoltórios para conservas e todos os trabalhos tipográficos

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## OS TURISTAS INGLESES JÁ PASSARAM 256.000 NOITES em Portugal

Durante o ano corrente os turistas ingleses passaram 256.000 noites em Portugal, enquanto os franceses ficaram apenas 192.000, os norte-americanos 171.000 e os espanhóis 100.000 — revelou o Embaixador de Portugal em Londres, general Abrantes Pinto, durante uma conferência de imprensa a que compareceram 150 representantes da «British Association of Travel Agents» e em que sublinhou «que os turistas ingleses, embora em menor número do que os espanhóis, ou mesmo do que os franceses ou norte-americanos, eram no entanto os melhores hóspedes de Portugal relativamente ao tempo de permanência no país».

O presidente da Associação de Turismo Inglesa, usando da palavra, referiu-se às impressões colhidas durante uma recente visita que fez a Portugal, elogiou «as antigas e graciosas cidades portuguesas» e o «magnífico clima» daquele país, comentando os novos progressos de Portugal no campo do turismo, sobretudo com a abertura de novos hotéis e estradas.

## PORTO RAINHA SANTA

ATÉ  
OS ANJOS  
BEBEM!...

RODRIGUES PINHO  
& C.  
VILA NOVA de GAIA



## Luis Felix da Silva

Café Restaurante «Janelas Verdes»

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Cumprimenta todos os seus Ex.<sup>mos</sup> Clientes e Amigos desejando-lhes um Natal feliz e próspero Ano Novo.

## NOITE DE NATAL

*E' Noite de Natal! Nasceu Jesus,  
Um fruto da vontade do Senhor,  
O fruto venturoso e salvador  
Das almas que vagueiam sem ver luz!*

*E' Noite de Natal! Do alto da cruz,  
Um Ser Omnipotente aponta a dor  
Sofrida, para dar ao mundo o amor  
Que o seu olhar divino bem traduz!*

*Que os homens se aproximem deste exemplo,  
Que em breve se erga o magestoso Templo  
Do Bem que o mundo há tanto bem precisa!*

*Que o Bem sepulte o mal que se eterniza,  
Porque, sem a justiça da Verdade,  
Adeus sagrados bens da Humanidade!*

Natal de 1960

J. Santos Stockler

## CAFÉ IMPÉRIO

- SALÃO DE BILHARES
- CERVEJA A COPO
- MARISCOS
- REFRIGERANTES

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Deseja a todos os seus estimados Clientes e Amigos Festas Felizes e prosperidades no Ano Novo.

## POÇOS SEM RESGUARDO

Já ferimos esta nota — devem ser obrigatórios os resguardos nos poços.

As Câmaras Municipais, os Governos Civis, devem providenciar para evitar este perigo. Lá vinha, de Aveiro, a notícia — uma criança de vinte e poucos meses caíra a um desses poços e morrera afogada.

Por incúria foi possível a tragédia de ser colhida uma flor em botão.

A guarda depois vigiará.

## HOTEL DA MEIA-PRAIA LAGOS

PASSAGEM DO ANO DE 1960 — 1961

JANTAR DANÇANTE DO ANO NOVO

LUÍS GUILHERME } 5 anos seguidos no Brasil em  
LÍDIA RIBEIRO } todos os canais da T. V.

CONJUNTO MERRY BOYS-SURPRESAS

Marcações pelos telefones Lisboa - 773453 Lagos 340 350 351

## AVISO

Nos termos do § 4.º do Art.º 55.º e Art.ºs 58.º e 63.º do Regulamento aprovado pelo Decreto-Lei n.º 57.315, de 21 de Fevereiro de 1949, a validade máxima das licenças de uso e porte de armas de defesa, de caça e de recreio, respectivamente, é de 5 anos terminando sempre em 31 de Dezembro.

A fim de evitar situações ilegais, devem os possuidores daquelas licenças que terminam em 31 do corrente, proceder à renovação das mesmas até aquela data.

## CASA Precisa-se

Casal estrangeiro pretende alugar moradia ou Flat, junto ao mar, bem mobilada e com conforto, para todo o ano.

Resposta com preço e todos os detalhes para o APARTADO 14 — LOULÉ

« NOTÍCIAS DO ALGARVE »  
VENDE-SE  
na FIGUEIRA DA FOZ:  
Tabacaria Pessoa

# EDITAL RECENSEAMENTO ELEITORAL

José Bernardino Pesqueira da Silva, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António:

Faz saber, nos termos e para os efeitos do art. 10.º da lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1961, terão início em 2 de Janeiro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

### Ao abrigo do disposto nos art. 1.º e 2.º da citada Lei:

São eleitores e, como tal, recenseáveis:

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português.

2.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais.

3.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

- a) — curso geral dos liceus;
- b) — curso do magistério primário;
- c) — curso das escolas de belas artes;
- d) — curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
- e) — curso dos institutos industriais e comerciais.

4.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens de solteiras, que vivam inteiramente entre si.

5.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino que sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia.

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art. 13.º da citada Lei.

A prova do pagamento referido nos 2.º, 4.º 5.º faz-se:

a) — Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b) — Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, pois que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3 faz-se:

Pela exibição do diploma do curso, da certidão ou a pública forma respectiva, perante a comissão a que se refere a alínea a) ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art. 13.º, da citada Lei.

Não podem ser eleitores:

1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos.

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença.

3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos.

7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social;

8.º — Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto, poderão requerer a sua inscrição no recenseamento, ao Presidente da Comissão Recenseadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, profissão, habilitações literárias e morada.

Para constar, se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados em jornais deste Concelho.

Paços do Concelho, 19 de Dezembro de 1960.

a) José Bernardino Pesqueira da Silva

# DESSPORTOS

LUSITANO, 0 - FARENSE, 2

## A VONTADE NÃO BASTA SE A SORTE NÃO AJUDA

**Jogo no campo «Francisco G. Socorro», em Vila Real de Santo António, perante numerosa assistência.**

**Árbitro: Mário Mendonça, de Setúbal.**

**LUSITANO — Martinez; J. Pedro, Parra e Gonçalves; Padesca e Tavares; Torres, Rodolfo, Marco, Araújo e José Vicente.**

**FARENSE — Filho (Mário); Reina, Ventura e José Maria; Sosa e Atraca; Gaiveu, Angelo, Bento, Oscar e Queimado.**

O «derby» algarvio não resultou naquele jogo pleno de emoção que se esperava e o facto não é de estranhar, pois as possibilidades actuais de ambos os contendores estão longe de apresentar o equilíbrio de anos atrás, quando o Lusitano dispunha de um quadro temível no seu ambiente.

Estiveram no domingo em campo duas concepções diferentes de futebol, dois tipos díspares de jogadores e também desiguais processos para alcançar a vitória.

Os donos do campo em desvantagem quanto a valores individuais, procuraram, desde os primeiros momentos, usar de velocidade e arreganho, lançar-se ao ataque por meio de despachos longos, bola pelo ar a convidar à luta corpo a corpo ou, como muitas vezes aconteceu, procurar surpreender a defensiva contrária, mercê de passes em profundidade pelos extremos. Como não podia deixar de ser, o sistema perfilhado pelos «encarnados e brancos» precisava da poderosa achega do factor sorte, para conseguir traduzir em golos os lances forjados. Mas a fortuna não veio e, assim, as jogadas conduzidas com «genica» morriam sucessivamente na defesa farense, se bem que, de quando em quando, o aparente perigo de que se recheavam parecesse que iria transformar-se em algo de mais positivo.

No entanto o Farense, oscilou mais do que seria de admitir numa equipa bem estruturada e mentalizada para arrostar com maiores «temporais» como já deu sobejas provas. Durante o primeiro tempo — e não obstante ter alcançado o primeiro golo logo aos 5 minutos — tardou em impôr-se no domínio do meio campo.

No princípio do segundo tempo ainda os locais tentaram mudar o rumo dos acontecimentos, mas mais

uma vez a sorte nada quis com a equipa da «casa».

Passados os primeiros quinze minutos, os visitantes deram uma imagem mais nítida do valor geralmente reconhecido, embora nunca deixassem de encontrar no Lusitano a mesma garra e fervor combativo.

Alcançado o segundo golo, contestado pelos locais por irregularidade no marcador, mais se refinou a esquematização dos farenenses, com Queimado e Oscar nas ime-

dições da grande área lusitanista e, então, tudo se transformou em seu favor.

Salientaram-se no Lusitano: Rodolfo, Gonçalves e Marco. No Farense: Oscar, Queimado, Ventura e Mário.

A arbitragem do sr. Mário Mendonça foi como aquelas a que temos assistido ultimamente: péssima!

Quando deixaremos de ver arbitragens deste género no Algarve?

M. Vicente

### VELA

## Torneio do Outono-Snipes

Realizou-se no passado dia 18 a 10.ª regata deste Torneio, que está a ser disputado na Ria de Faro, entre 2 tripulações do Sport Lisboa e Faro, 3 do Ginásio Clube Naval e 3 do Centro de Vela de Faro da Mocidade Portuguesa, com o seguinte resultado: (o número entre parêntesis indica o total de pontos de cada tripulação até à data).

1.º — António André e José Inácio Palma (sup.), S. L. Faro 1600 pontos (2969); 2.º — Fernando Prazeres e José Correia, G. C. Naval 1521 pontos (3121); 3.º — José Delfino e Manuel Porto, M. P. Faro 1444 pontos (2669); 4.º — Silvério Augusto e António Barreiros, G. C. Naval 1369 pontos (2525); 5.º — Rogério Ferro e José Ferro, S. L. Faro 1296 pontos (2385); 6.º — Jorge Leiria e Pessanha Viegas, G. C. Naval 1225 pontos (2746); Desclas. — Daniel Santana e Rodrigo Matos, M. P. Faro 1024 pontos (2468); Desclas. — Diamantino Mendes e Carlos Gonçalves, M. P. Faro 1024 pontos (2320).

Faltam apenas 2 regatas para terminar o Torneio, as quais se realizarão, salvo más condições de tempo, nos dias 15 e 22 de Janeiro de 1961.

Esta série de regatas, em boa hora lançada pela Secção Náutica do Sport Lisboa e Faro, tem servido para demonstrar, tal qual como aconteceu no ano passado, que no Algarve se pode praticar Vela Desportiva durante todos os meses do ano, com rara excepção de um ou outro dia de chuva ou temporal.

Pena é que devido à quase nula actividade pratica-

da nos últimos anos (excepção feita aos Centros de Vela da Mocidade Portuguesa) o Algarve não tenha sido acarinhado como devia pelas entidades superiores, chegando-se a um estado tal que o pouco material existente, propriedade dos Clubes, está sobremaneira depreciado e carece de grandes reparações ou até de substituição total.

Eis porque, após a conclusão do «Torneio do Outono», se procederá à beneficiação de barcos e velas, dentro das possibilidades concedidas a cada um, a fim de que na próxima época, a iniciar em Março, se possa continuar com a mesma ou maior actividade.

Oportunamente apresentaremos um breve programa das provas que se tentam organizar em Faro no próximo ano.

## O DESPORTO ALGARVIO NO ANO DE 1960

**ESTAMOS** no fim de mais um ano, o de 1960. Dentro em breve e, depois das 12 badaladas da meia-noite do dia 31, entrará o novo ano: 1961. Um novo ano que certamente não será isento, para os desportistas algarvios, de esperanças, alegrias e também desilusões.

Mas falemos antes do passado. Para tal tentaremos resumir os principais factos ocorridos no desporto algarvio no decorrer de 1960.

**FUTEBOL** — As equipas algarvias não conseguiram, mais uma vez, a almejada promoção. Nem sequer participaram na 2.ª fase do Nacional da II Divisão. De notar a excelente classificação do Lusitano, recém vindo da 3.ª Divisão.

O Sporting Farense inaugurou a iluminação do Estádio S. Luís, fazendo deslocar uma equipa de extraordinária categoria: o «Ferroviária», do Brasil.

Finalmente é justo assinalar a reorganização do Torneio Distrital de Reservas, organizado pela A. F. F., de cujos benefícios ninguém duvida.

**CICLISMO** — Em primeiro lugar avulta a inauguração da excelente pista do Ginásio de Tavira, uma das melhores do país, justo anseio duma colectividade com grandes tradições.

A honrosa classificação do Ginásio na Volta, assim como a presença do Louletano.

A organização de inúmeros festivais, com a participação dos melhores ciclistas nacionais, em Tavira e em Loulé.

## ENTREGA DO DIPLOMA de Treinador AO ATLETA Fernando Cabrita

DURANTE o intervalo do jogo efectuado no dia 8, entre Portugal e a França, classes B, no Estádio Nacional, o dirigente francês Jean Pujolle, acompa-



nhado dos federativos portugueses dr. Carlos Costa, Afonso Lacerda e Silva Santos, da Associação de Futebol de Lisboa, foi ao campo entregar aos antigos internacionais Cabrita e Pedrote o diploma de treinadores do curso que fizeram em França.

O público e as duas equipas associaram-se à homenagem, aplaudindo os dois novos treinadores.

Armando Carneiro também tinha um diploma a receber, mas não pôde comparecer no Estádio Nacional, para o receber juntamente com os seus colegas.

Fernando Cabrita, actual treinador do Portimonense, é um jogador de tradições no futebol português e muito tem honrado o Algarve pela sua prestimosa actuação de atleta convicto.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»  
VENDE-SE  
EM TODO O ALGARVE

## CLASSIFICAÇÃO

|                | J. | V. | E. | D. | B.    | P. |
|----------------|----|----|----|----|-------|----|
| OLHANENSE      | 13 | 9  | 3  | 1  | 39-12 | 21 |
| V. Setúbal     | 13 | 9  | 3  | 1  | 42-12 | 21 |
| FARENSE        | 13 | 10 | 1  | 2  | 25-11 | 21 |
| Oriental       | 13 | 8  | 3  | 2  | 25-9  | 19 |
| Alhandra       | 13 | 7  | 2  | 4  | 30-24 | 16 |
| S. L. Olivais  | 13 | 5  | 2  | 6  | 26-22 | 12 |
| PORTIMONENSE   | 13 | 5  | 2  | 6  | 22-20 | 12 |
| Montijo        | 13 | 4  | 4  | 5  | 20-23 | 12 |
| D. de Beja     | 13 | 4  | 2  | 7  | 13-24 | 10 |
| Estoril        | 13 | 3  | 3  | 7  | 13-20 | 9  |
| Juventude      | 13 | 4  | 1  | 8  | 15-31 | 9  |
| LUSITANO       | 13 | 2  | 4  | 7  | 7-20  | 8  |
| Sacavenense    | 13 | 3  | 2  | 8  | 14-34 | 8  |
| U. de Montemor | 13 | 2  | —  | 10 | 22-51 | 4  |

Jogos para a próxima jornada: Beja-Oriental; Sacavenense-V. Setúbal; Estoril-FARENSE; LUSITANO-Olivais; Montijo-Juventude; Alhandra-PORTIMONENSE; Montemor OLHANENSE.

## Campeonato Nacional da II Divisão Relance da Jornada

Realizou-se no passado domingo mais uma jornada do Nacional da 2.ª divisão, no qual tomam parte as quatro equipas algarvias. Os resultados foram os seguintes:

Olhanense, 2 - Portimonense, 1  
Lusitano, 0 - Farense, 2

As equipas vencedoras foram aquelas que melhor posição têm na tabela. No entanto, e em ambos os encontros, os vencidos deram boa réplica.

Em Olhão, os portimonenses, embora derrotados, saíram do terreno de cabeça erguida, pois nunca se deixaram subjugar pelo adversário e deram melhor réplica do que se esperava. Diga-se, no entanto, que a partida foi muito pobre, com muitos balões, com muitas jogadas ríspidas, o que originou alguns atletas ficarem incapazes de dar o seu concurso às suas equipas e apenas fizeram presença em campo.

Na verdade, a vitória assenta bem na equipa sota-ventina, pois o Olhanense

foi durante o encontro ligeiramente superior.

É de salientar o espírito com que Alfredo, defesa local, se entregou à luta: isso que sirva de exemplo aos seus companheiros.

Em Vila Real de Santo António, os locais não foram felizes e o Farense saiu vitorioso, embora com muita dificuldade.

É certo que o Farense foi superior no que respeita à técnica, mas se a sorte não o ajudasse o resultado poderia ter sido outro, pois os locais, a perderem logo nos primeiros minutos, tentaram o «volte face», que só não resultou devido à falta de cabeça e, também à boa actuação da defesa farense. Mesmo assim, com um pouco de sorte, poderiam ter igualado o marcador, ainda na primeira parte.

O Farense, no entanto, foi o vencedor certo, pois os locais entregaram-se por completo depois de terem sofrido o segundo tento.

Hoje, não se disputam jogos por ser dia de Natal.

## BASQUETEBOL

## Campeonato Distrital

Realizou-se no pretérito domingo, 18 do corrente, mais uma jornada do Campeonato Distrital, disputando-se os seguintes encontros:

Ginásio C. O., 75  
Portimonense S. C., 40

Ginásio: — Pinto (49), Lázaro (4), Amaro (10), Bento, Franco (2), Benzinho (2) e Humberto (8);

Portimonense: — Feu (17), Horácio, Marques (17), Luís (2), Pombinho (4) e Telmo.

S. C. Olhanense, 48  
C. D. «Os Olhanenses», 45

Olhanense: — Flávio (18), Luís (12), Pombinho, João (4), Lelé (10), E. Guerreiro (4), Lopes, Vitorino, Santos e Oscar;

«Os Olhanenses»: — Hernândi (11), J. Santos, Dias (16), Cristóvão (4), Relvas, Guedes (8), Leal e Filipe (4).

É de salientar a excelente vitória do S. C. Olhanense sobre os «Os Olhanenses» e a boa marca alcançada pelo Ginásio frente ao Portimonense. Também a vitória do Farense merece destaque, por que conseguiu desforrar-se da derrota que os «Os Bonjoanenses» lhe tinha infligido no jogo da primeira volta.

Assistimos ao prélio que se disputou em Olhão, no campo «Abílio Gouveia», no qual se defrontaram o Ginásio e o Portimonense.

A diferença de marcação retrans com fidelidade o desequilíbrio verificado durante todo o jogo e especialmente no segundo

tempo. Em boa verdade a equipa do Portimonense esteve sempre ou quase sempre em inferioridade na luta das tabelas e só não saiu do campo mais «esmagada», mercê do bom acerto de Feu nos lançamentos a meia distância. Realmente Feu é um bom jogador, e pena é que a sua vida profissional não lhe permita treinar com mais assiduidade, pois nós teríamos imenso prazer em vê-lo actuar quando possuidor de todos os seus recursos físicos e técnicos. Mes-

(Conclui na 2.ª página)

## DOIS PUGILISTAS Luso-Americanos A CAMINHO DE TÍTULOS MUNDIAIS

Dois pugilistas luso-americanos estão classificados entre os melhores especialistas mundiais e apresentam-se como sérios concorrentes aos títulos máximos das respectivas categorias.

São eles Johnny Gonçalves, que ocupa o segundo lugar entre os pretendentes ao título mundial da classe de «meios-médios ligeiros», e José Lopes, com idêntica posição na categoria de «levísimos».

Johnny Gonçalves tem sido o orientador técnico do pugilista português Chico Santos em alguns dos combates por este realizados nos Estados Unidos.

## Casa RAPOSA

DE ALFREDO ANTÓNIO MARTINS  
PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
A casa que mais barato vendê, maior sortido apresenta e mais facilidades de pagamento dá aos seus clientes.

Deseja a todos os seus estimados Clientes e Amigos um Natal Feliz e um Ano Novo muito próspero.

## Trindade Coelho, Herdeiros, Lda.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Apresentam a todos os Ex.ªs Clientes os votos de Festas Felizes

### INICIARAM-SE OS TRABALHOS DE ARBORIZAÇÃO DA PRAIA DA ROCHA

A CÂMARA Municipal de Portimão, em colaboração com os Serviços Florestais, está procedendo à arborização das dunas de Alvor, trabalhos que há muito tempo se reconheciam de necessidade absoluta, e finalmente tiveram a satisfação que lhes competia.

Sob a orientação técnica do sr. eng. silvicultor João Rosado Nunes, realizaram-se já este ano sementeiras de retama e pinheiro bravo e plantação de acácias, numa área aproximada a 10 hectares. Para o ano próximo está prevista a continuação dos trabalhos com a arborização de toda a restante área aproveitável que é de cerca de 300.000 metros quadrados.

Se juntarmos a isto o facto de muitos proprietários particulares nas praias de Alvor, João de Arens e Vau, estarem já a arborizar os seus terrenos, temos que dentro de poucos anos as manchas florestais ocuparão nesta zona uma superfície bastante apreciável, o que virá valorizar sobremaneira as condições turísticas, já de si excelentes, desta região. A recente criação da Administração Florestal de Portimão pode e deve vir a representar mais um impulso de que a Praia da Rocha ne-

cessita para ocupar o lugar a que tem direito, dentro das mais privilegiadas zonas de turismo de todo o mundo. Dentro da valorização das zonas de turismo, a arborização ocupa um lugar de incontestável relevo pelas possibilidades que fornece, quer na criação de parques de campismo, quer na amenização do clima e um maior embelezamento das riquezas naturais.

No caso presente, se é de boa política turística que a Praia da Rocha torne conhecidas as belíssimas praias que se lhe seguem, não há dúvida, agora que a próxima construção da avenida marginal até Alvor promete vir dar-lhes um maior aproveitamento, que a arborização em curso serve maravilhosamente essa política de valorização turística, actualmente o mais urgente e instantâneo dos problemas algarvios.

### O problema das obras de dragagem da Barra e Ria da Fuseta

(Conclusão da 1.ª página)

Na impossibilidade de navegação no canal de acesso entre o mar e a vila, os pescadores, quando regressam com o peixe, são obrigados a transbordá-lo para botes e destes para carros de muare que, finalmente, fazem a condução até à lota.

Muitas vezes, já em frente da barra, os pescadores são obrigados a retroceder debaixo de mau tempo por a rebentação provocada pelo pouco fundo tornar perigosa e mesmo impraticável a entrada.

Para melhor se avaliar a gravidade da situação, basta referir o seguinte: nas desesperadas tentativas de alcançarem as barras de Olhão ou de Faro já alguns trabalhadores do mar têm sucumbido!

O afundamento da ria e do cais, o desassoreamento do porto de pesca, é imprescindível.

A obra tem de se fazer — e quanto mais demora houver na sua realização, mais difícil se torna a tarefa.

Entretanto, não são apenas os pescadores que sofrem com o atraso. É toda a população da laboriosa vila, pois o trabalho de construção da rede de esgotos, se os canos forem desembocar ao cais, com este no estado em que se encontra, terão de ser tomadas medidas de sanidade rigorosas para evitar outros males.

Os serviços competentes estão, certamente, estudando a solução do problema, possivelmente num estudo geral do melhoramento do funcionamento hidráulico de toda a Ria de Faro e das suas ligações com o mar.

Dada, porém, a urgência que há em resolver o caso da Fuseta, afigura-se-nos imprescindível proceder, desde já, ao desassoreamento do porto de pesca.

A acostagem dos navios na maré baixa é impossível enquanto não se fizer aquela obra — e os barcos são por isso obrigados, mesmo em dias de temporal, a ficarem retidos na barra, sacudidos pela fúria do mar e sujeitos a graves avarias.

Insiste, pois, a população da Fuseta para que a obra se faça com a maior brevidade.

### Movimento da lota em Outubro de 1960

| ESPÉCIES                | QUILOS  | VALOR         |
|-------------------------|---------|---------------|
| Pescada                 | 134.226 | 1.342.363\$00 |
| Peixe-espada            | 6.586   | 25.804\$00    |
| Linguados e azevia      | 1.057   | 5.185\$00     |
| Cações, leitões e lizas | 2.689   | 15.446\$00    |
| Choco                   | 386     | 1.158\$00     |
| Lula                    | 191     | 1.148\$00     |
| Polvo                   | 9.141   | 45.705\$00    |
| Não especificado        | 14.717  | 59.536\$00    |
|                         |         | 1.494.345\$00 |

### CONTA GOTAS

(Conclusão da 1.ª página)

Só a memória sangrando na vida lhes dá raiz agora.

Assim

A manhã custa a subir. Dentro de mim escuto um lamento.

Batem à porta. Vou abrir. É a fome, é o vento...

Deita a cabeça na almofada mulher. Não sejas louca. Dorme, então!

Batem. Corro à porta, apressada.

É o frio, é a solidão...

Impossível dormir quando até mim

alteia vozes o temporal.

.....

Repete-se o Milagre. Assim é que nasceu o Natal.

D. JOSÉ PASCOAL

O grande senhor D. José Pascoal chegando o Natal muda-se-lhe a cor.

Dá descanso ao baio, aumenta a despesa e chama o lacaio e senta-o à mesa.

É todo humildade, dá tudo a comer, descobre-se a ter responsabilidade.

No dia seguinte esporeia o baio, aperta o lacaio com maligno acinte,

Sumido o Natal já nada o impele. E volta a ser ele D. José Pascoal.

NATAL

O Natal é uma fera de extrema bondade; brilham os olhos de uma terrível e selvagem luz do coração.

O Natal finca as suas garras

no pescoço da gente, garras implacavelmente bondosas, inflexivelmente humanas, solidárias.

Os olhos do Natal postos em nós custam a suportar — e por isso é que lhe deram apenas

a duração de um dia.

Os olhos do Natal não desistem, não lhe fizeram os seculos perder o diamante: continuam cravados em nós implacáveis

sem nos dar um instante de repouso.

O Natal guarda a maior de todas as virulências: a da Felicidade.

Maria Manuela Nunes

NÃO HESITE

Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

Telefone 59 Apartado 3

Vila Real de Santo António

### HOTEL VASCO DA GAMA

#### MONTE GORDO

#### Ceia de S. Silvestre

#### «RÉVEILLON»

#### Conjunto Musical Haway

#### VARIEDADES

RESERVAS PELOS TELEFONES: 321, 322 e 323

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

### Portugal no Oriente

(Continuação da 1.ª página)

que se estabeleceram em casa à altura, que não envergonhasse o bom nome dos portugueses nestas distantes terras siamesas, onde Portugal, em vista da sua antiga concessão, era considerado como velho amigo e aliado.

Tal era a Feitoria Portuguesa de Bangkok em 1915, onde num mastro de 55 metros de altura tremulava, e deve tremular ainda hoje, o pavilhão do velho e nobre Portugal.

Visitaram, recentemente, Portugal, Suas Majestades os Reis da Tailândia, que foram recebidos com todas as honras e simpatias a que tinham jus, como representantes de um país que desde 1511 tem mantido com Portugal as mais amistosas relações.

Duarte Fernandes enviado como Embaixador, naquele ano, pelo grande capitão Afonso de Albuquerque, ali foi recebido com todas as honras e sem qualquer reserva, regressando a Malaca acompanhado de um Embaixador Siames. Foi este o início das relações entre o Reino de Portugal e o Reino de Siam — hoje Tailândia.

Posteriormente, António Miranda de Azevedo e Manuel Frago foram enviados por Albuquerque em missão especial de estudarem o país, o seu comércio, usos, e a profundidade dos seus portos, missão que seguiu por mar até Tarangue, e por terra até Ayuthia, regressando os dois emissários com todas as informações comprovativas do bom desempenho da incumbência que lhes fora cometida.

Mais tarde, em 1518, o Governador de Malaca enviou Duarte Coelho com presentes e cartas ao Rei de Siam, com o fim de renovar as boas relações com aquele soberano e fazer uma aliança, no intuito de consolidar a boa amizade entre os dois povos.

Muitos portugueses vieram então estabelecer-se em Siam, tornando-se notáveis em várias ocasiões: já nas lutas contra os povos invasores, e especialmente em 1545, quando o Rei de Pegu invadiu Siam e cercou a capital Ayuthia, o que lhes deu grande prestígio e admiração, pois que os postos mais perigosos da defesa da capital lhes foram entregues, aos quais se juntou a tripulação de um navio que arribara às costas de Siam e entrara rio acima, podendo-se afirmar que foram os portugueses que defenderam a cidade sob o comando de Diogo Pereira.

Foram os portugueses os primeiros europeus que tiveram relações e muito auxiliaram os siameses nas suas guerras com os povos vizinhos, e foi Portugal que fez, em 1516, o primeiro tratado de aliança com Siam, quando Duarte Coelho veio a este reino. Elevado foi o número de portu-

gueses que se estabeleceram em Siam, onde muitos se deixaram ficar, constituindo família, e deixando descendência que ainda hoje existe. E tão grande era a colónia portuguesa ali estabelecida, que foram pedidos a Portugal padres e consules, para a proteger moral e espiritualmente. E tão natural achou Sua Majestade estes pedidos, que, por carta autógrafa, de 28 de Dezembro de 1786, ofereceu terras aos portugueses para construírem uma igreja, terem o seu culto e serem guiados por padres do seu país.

Foram alguns padres de Macau; fundou-se, com grande devoção, a Confraria de N. Senhor do Rosário; mas o clero português foi substituído pelos missionários franceses, e assim se perdeu um poderoso elemento que muito poderia contribuir para imprimir um cunho português às cristandades constituídas pelos descendentes dos antigos portugueses.

É para lamentar que tenha passado para o domínio das Congregações Estrangeiras, naquele país amigo, toda a influência que se encontrava nas mãos dos nossos missionários! Com a sua saída, os descendentes dos portugueses, que ainda mantinham a sua nacionalidade de origem, perderam-na e passaram à jurisdição tailandesa, ficando, sob o ponto de vista espiritual, sujeitos ao Vigário Apostólico da Tailândia.

Além de muitos descendentes dos portugueses de outras eras, agrupados na Freguesia de Sta. Cruz, na margem direita do Menam, Portugal ainda revive pela Tailândia em várias recordações do povo português, que por todo o Oriente deixou bem marcada, em factos de heroísmo e de nobreza, toda a grandeza de Portugal.

Como muito bem o declararam Suas Majestades, não foi a sua visita a Portugal de mera cortezia. E pela recepção que lhes fez o Governo Português e, por assim dizer, toda a Nação, não foram Suas Majestades recebidas apenas como ilustres visitantes.

Outro valor mais alto se alevantara entre os dois povos, que agora se encontraram em Portugal — a Tailândia representada por Suas Majestades o Rei e a encantadora Rainha, e Portugal representado pelo mais alto magistrado do Governo da Nação, e por todos os portugueses que quiseram prestar ao povo tailandês as homenagens da sua simpatia e da velha amizade que de há séculos se mantém e, de certo, por muitos mais perdurará.

José de Carvalho e Rêgo (Continua)

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

### PRIMAVERA NO OUTONO

A PROXIMA-SE o Natal, quadra festiva que o mundo celebra sob os auspícios da neve. Nevam-se as árvores de Natal, enroupa-se o Pai Natal; cobre-se a terra de frio.

Dezembro trouxe-nos o frio que só em poucos dias imperou. Pô-lo em debandada o nosso temperado clima, que o achou prematuro.

Desponta um domingo ridente de sol, que veste de ouro a natureza e nos chama à sua contemplação.

Trocando o rotineiro passa-tempo, tomamos o rumo do campo, galgando a estrada que detém a vila comprimida e entramos nos subúrbios desta Olhão branca de cal. Penetramos em dois bairros que se encostam, e caminhamos na sua confluência em subida que se afasta do lado do mar. Enchemos o peito de ar são que em desafio aspiramos. Larga estrada se nos oferece e por ela avançamos, espalhando o olhar pelo atapetado que a verdura teceu na terra ociosa.

Deparam-se-nos as amendoeiras, hastes levantadas ao céu, nuas de folhagem. Aqui e ali, a que é mais temporária apresenta ao sol as pétalas das flores que já florescem, em anseio de primavera. Passam 500 metros de paisagem campestre e avista-se um casal. Casal de casario de pedra e cal, postado junto ao pinhal, que nos fascina por inesperado. Casinha de gente humilde, brancas, a contrastar com o verde da vegetação vicejante, voltadas para fiadas de oliveiras ali plantadas para sombrear. Um quarteirão de casas que ali foram edificadas para albergar outras tantas famílias trabalhadoras. Particular de iniciativa ali se lembrou de construir, mas com debilitado capital, para os débeis construir. O interessante bairrozito entregou-se à protecção de Nossa Senhora da Fátima, cuja imagem se ergueu em nicho a sobrepujar o fontenário que serve os moradores do lugar. Pelo interesse que nos despertou este aglomerado humano, fugido do urbano aperto, para ar mais saudável e vida mais natural, procurámos pormenorizar. Soubemos que o edificador

(Conclui na 3.ª página)

### Grémio da Imprensa Regional CONCURSO DE "TEMAS Sociais e Corporativos"

Realizou-se há dias o concurso promovido pelo Grémio da Imprensa Regional em colaboração com a Junta da Acção Social do Ministério das Corporações, tendo o júri, reunido para o efeito, classificado 15 trabalhos, entre os quais «Instituto de Formação Social e Corporativa», apresentado pelo nosso comprouvino e estimado colaborador sr. Luís Sebastião Peres.

O prémio atribuído ao sr. Luís Sebastião Peres, é o galardão da sua actividade na Imprensa Regional, na qual colabora há mais de um quarto de século, versando os temas sociais e corporativos do País.

Felicitemo-lo, e registamos com prazer o acontecimento, desejando-lhe que em futuros concursos, os seus trabalhos obtenham a classificação justa e merecida.